

## O MALANDRO PRESENTE NAS LITERATURAS DE LUANDINO VIEIRA E JOÃO ANTÔNIO

Luciana Cristina Corrêa  
PG-UNESP/Assis/FAPESP

*A ficção é um lugar (...) em que o homem pode viver e contemplar, através de personagens variadas, a plenitude de sua condição (...), lugar em que, transformando-se imaginariamente no outro (...) verifica, realiza e vive a sua condição fundamental de ser autoconsciente e livre...*

**(Anatol Rosenfeld)**

É sob a luz das pertinentes observações do crítico Anatol Rosenfeld sobre a importância das personagens para a ficção, que iniciamos abordando mais especificamente as características da figura malandra. A focalização dada a esta personagem a restringe, em vários momentos, a um ser que não respeita nem acredita nos valores morais de um ser humano. Um indivíduo caracterizado como cúmplice, aprendiz, porta-voz e, ao mesmo tempo, vítima de um sistema explorador, deteriorado e inigualitário.

Porém, como bem nos alerta Roberto Goto<sup>1</sup> em seu célebre trabalho sobre a malandragem, “o amoralismo do malandro, nesta perspectiva, surge como um produto” da “antropofagia social, da lição segundo a qual, diante da luta pela sobrevivência, considerações éticas ou estéticas são extemporâneas” (p.108), inoportunas a um ser incapacitado, ou melhor, proibido de bradar por melhoria nas condições de vida.

Diante desta posição, constantemente reprimido pelo sistema de agir pelos modos legais, ao malandro compete a realização de pequenos golpes na ambição de sobreviver. A “hospitalidade e malícia, a ginga, a finta, o drible, a manha e o jogo de cintura muito apreciados

---

<sup>1</sup> GOTO, R. *Malandragem Revisitada*. Campinas: Pontes, 1988.

no futebol e na política”, ou seja, “o ‘jeitinho’ que pacifica contendidas, abrevia a solução de problemas”(…) “agrava a falta de uma cidadania efetiva” (p.11), como adiciona o autor de *Malandragem Revisitada*. O mesmo, ainda corrobora que a imagem do malandro como um ser localizado nos interstícios do sistema social, se torna irônica quando reveladas as suas verdadeiras aspirações, o desejo:

De uma sociedade igualitária, liberta da barbárie das relações de produção capitalistas. Seu pano de fundo ainda é, portanto, a nostalgia ou utopia de uma sociedade em que a gratuidade do jogo vicejaria sobre a necessidade e a ordem deste darwinismo social (GOTO: 1988, p.108 e 109).

A partir da breve caracterização acima sobre o malandro é dever salientar que as peculiaridades desta figura se mostram visíveis nas personagens de duas instigantes obras por nós escolhidas: *Malagueta, Perus e Bacanaço* (1963) do escritor brasileiro João Antônio Ferreira Filho (1937-1996) e *Luuanda* (1961) do angolano José Luandino Vieira (1935- ).

Ambos os livros apresentam, na sua maioria, seres marginalizados e possuidores do “jeitinho” citado por Goto, cujas gêneses certamente encontramos nas vertentes folclóricas, brasileira e africana. Por este motivo, torna-se apropriado realizar um estudo comparativo aproximando narrativas e autores, geograficamente, distantes. Como também é de grande valia apontar algumas marcas características a essa figura singular.

As personagens protagonistas de “Vavó Xíxi e Seu Neto Zeca Santos”, a primeira das três narrativas do livro *Luuanda*, de Luandino Vieira, manifestam alguns traços comumente encontrados no livro de estréia de João Antônio, entre os quais destacamos a aniquiladora fome que persegue as figuras do submundo. Vavó Xíxi, seu neto Zeca Santos e do outro lado do Atlântico, as personagens-título do conto “Malagueta, Perus e Bacanaço” e Ivo, protagonista de “Retalhos de fome numa Tarde de G.C.”, são castigados pela fome, proveniente da carência de

recursos financeiros. A este respeito vale-nos alguns fragmentos ilustrativos das narrativas angolana e brasileira, dignos de registro:

—Vamos comer é o quê? Fome é muita, vavó! De manhã não me deste meu matete. Ontem pedi jantar, nada! Não posso viver assim...  
Na barriga o bicho da fome, raivoso, começou roer, falta de comida, dois dias já, de manhã só mesmo uma caneca de café era água, mais nada.  
(VIEIRA:1961,p. 8 e 9).

Entraram, tinham fome, Bacanaço os convidou, pediram pratos feitos, chamados sortidos (...). Comido o primeiro prato, sentiram ainda fome, pediram outro (ANTÔNIO: 1963,p. 146).

E fome danada, um vazio na barriga que o cinto de guarnição apertava. Uns apertos que vinham juntos, todos duma vez só e castigavam (IDEM, p. 45).

Outro aspecto coincidente entre a referida narrativa de *Luuanda* e o conto “Malagueta, Perus e Bacanaço” e típico à maioria dos malandros é a aparência. Na malandragem as vestimentas adquirem um valor de falso “status” social, uma máscara que omite a real situação financeira do vadio, já que tanto Bacanaço com seus trajes finos, como o vaidoso Zeca Santos e sua extravagante camisa amarela, simulam uma condição social que não lhes compete. Graças ao narrador onisciente, em ambas as narrativas, a nós leitores são mostradas as reais situações de cada personagem e suas privações:

Zeca Santos estava tirar a camisa amarela de desenhos de flores coloridas, essa camisa que tinha-lhe custado o último dinheiro e provocado uma grande maca com vavó (...). Mas também Zeca não ganhava mais juízo, quando estava ganhar o vencimento no emprego que lhe correram, só queria camisa, só queria calça de quinze embaixo, só queria pérga vermelha, mesmo que lhe avisava para guardar ainda um dinheiro, qual?! (VIEIRA: 1961, p. 10 e 12).

Camisa de Bacanaço era uma para cada dia. Vida arrumada (...).  
Bacanaço sustentava o paletó no antebraço, seus sapatos brilhavam, engraxados que foram outra vez, e a mão direita manicurada viajava para cima e para baixo, levando e trazendo um cigarro americano (ANTÔNIO: 1963, p. 103 e 125).

Na opinião de Claudia Matos<sup>2</sup>, o malandro se distingue do proletário por sua maneira de andar sempre bem vestido, como as personagens acima mostradas, todavia o que poderia

---

<sup>2</sup> MATOS, C. *Acertei no milhar: malandragem e samba no tempo de Getúlio*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

aproximá-los dos padrões burgueses, acaba por afastá-los definitivamente. O malandro, segundo Matos, torna-se “uma caricatura, uma paródia do burguês”, haja vista que a sua aparência, seu modo de se apresentar, “inclui aspectos de exagero e deformação tão evidentes que o próprio trajar elegante é um dos elementos pelos quais a polícia o identifica como malandro” (p.56). A autora nos chama a atenção ao mencionar que a imagem visual do vadio se caracteriza pois:

Por uma preocupação estética (“gosto de andar na moda”), mas ao mesmo tempo pela ambivalência, pela impressão de fantasia ou disfarce que transmite. Tal impressão advém da contigüidade de signos de uma modernidade pequeno-burguesa com signos de outra ordem, relativos à condição negra e proletária (...), à postura marginal em relação à sociedade bem comportada (...) e finalmente à manutenção de uma tradição étnica e social (MATOS: 1982, p. 56 e 57). (grifos da autora)

A segunda narrativa de *Luuanda*, “Estória do Ladrão e do Papagaio” expõe, aos leitores, três protagonistas de faixas etárias diversas, mas com a mesma relutância de sobreviver no agressivo mundo do colonialismo português. Miseráveis e negros, as personagens Via Rápida, Kam’tuta e Dosreis residem no musseque, um bairro de Luanda correspondente às favelas e subúrbios brasileiros.

É dever destacar que as três pobres figuras, ora apresentadas, representam as três fases de um ser humano e são, sobretudo, devidamente caracterizadas pelo narrador. A juventude de Garrido Kam’tuta, a idade adulta de João Miguel (Via Rápida) e a velhice de Lomelino dos Reis, correspondem aos três momentos pelos quais passam as personagens de João Antônio em “Malagueta, Perus e Bacanaço”. A semelhança entre as figuras pode ser comprovada através da transcrição de partes das narrativas:

Só se fosse esse o tal que tinha um caixote de engraxate (...), espera só, um mulato-claro, o nome dele é Garrido, olhos azuis, quase um monandengue ainda, não é? (VIEIRA: 1961, p. 46).

Com dezenove anos de idade, morador em Perus com a tia, donde lhe veio o apelido... . O menino Perus mal e mal se agüenta – fugido do quartel, fuge agora de duas polícias. A policia do Exército e a polícia dos vadios (ANTÔNIO: 1963, p. 108).

João Miguel, que lhe chamavam o Via Rápida, era o cabeça. Ninguém que discutia, verdade de todos, nem pensavam podia ser diferente (VIEIRA: 1961, p. 71).

Era quem primeiro cantava de galo. Bacanaço não olhava na cara dos desconhecidos. Impunha-se-lhes oprimindo, apequenando. Mandava primeiro, uma ruga nas sobrancelhas, sempre abespinhado. (ANTÔNIO: 1963, p. 104).

Zuzé arreou-lhe uma chapada no pescoço e Dosreis saltou, quis lhe dar soco, mas, no escuro da cela, os trapos do casaco amarraram-lhe e o auxiliar pôs-lhe um soco na cara (...). Você pensa que podes abusar autoridade, pensa? (...) Já se viu, um velho todo velho e ainda quer pelejar...

\_\_\_ Velho é trapo! (VIEIRA: 1961, p. 40 e 41).

O velho Malagueta, capenga, se arrastava na retaguarda, tropicando nas calçadas, estalando os dedos e largando pragas (...).

O velho mastigava e bebericava aos poucos, manso, medindo lances, atento (...). (ANTÔNIO: 1963, p. 111 e 115).

Como podemos observar pela caracterização acima das fases de cada personagem, a passagem do tempo tanto no musseque angolano, como nos subúrbios paulistas, não significa qualquer possibilidade de ascensão social.

Os três protagonistas de “Estória do Ladrão e do Papagaio” formam uma quadrilha responsável por pequenos golpes, entre eles, adulteração de bebidas, furto de perfumes em um salão de barbeiro, roubo do papagaio Jacó e de meia dúzia de patos. Postura semelhante é a dos três “viradores” de “Malagueta, Perus e Bacanaço” que, unidos, criam um conluio para vencer seus adversários no jogo da sinuca. Trapaças estas também de pouca monta, como veremos a seguir:

Quadrilha à-toa, nunca ninguém que lhe organizara nem nada, e só nasceu assim da precisão de estarem juntos por causa beber juntos e as casas eram perto (VIEIRA: 1961, p. 71).

E os olhos malandros dos três se encontraram, se riram, se ajustaram, gozozamente, na sintonia de um conluio que nasceu dissimulado (...).

Funcionavam direitinho, sem supetões, eram tacos de verdade, nascidos para trapacear. Arranjo bom (ANTÔNIO: 1963, p. 115).

Outra semelhança importante entre os textos de Luandino Vieira e de João Antônio diz respeito a dois momentos específicos, às duas metáforas encontradas nas narrativas: a do cajueiro, no texto angolano e a do jogo da vida, no brasileiro. No primeiro caso, temos a descrição de um cajueiro, a tentativa de sua destruição e a sua continuidade a partir dos frutos (castanhas). Simbolicamente, podemos associar o cajueiro à situação do povo angolano, colonizado pela metrópole portuguesa e impedido de manifestar sua cultura e tradições. A identificação ocorre a partir de excertos como estes:

É assim como um cajueiro, um pau velho e bom, quando dá sombra e cajus inchados de sumo e os troncos grossos, tortos, recurvados, misturam-se, crescem uns para cima dos outros (...). Subam nele, partam-lhe os paus novos (...), cortam-lhe mesmo todos: a árvore vive sempre com os outros grossos filhos dos troncos mais velhos agarrados ao pai gordo e espetado na terra (...). E se nessa hora com a vossa raiva toda de não lhe encontrarem o princípio, vocês vêm e cortam, rasgam, derrubam, arrancam-lhe pela raiz, tiram todas as raízes, sacodem-lhes, destroem, secam, queimam-lhes mesmo (...) e vão dar encontro aí com a castanha (...). O fio da vida não foi partido (...). É preciso dizer um princípio que se escolhe: costuma se começar, para ser mais fácil, na raiz dos paus, na raiz das coisas, na raiz dos casos, das conversas (VIEIRA: 1961,p. 53 e 54).

Em João Antônio vemos que a metáfora central da narrativa se revela durante a formação do conluio dos protagonistas Malagueta, Perus e Bacanaço. Estes, unidos e conspirados participam do jogo da vida: um passatempo na sinuca em que cada participante possui uma bola numerada, a qual não pode perder. O jogador deve defender a sua bola – ou, simbolicamente, a vida – de todos que buscam matá-la na caçapa.

Todavia, os malandros do escritor brasileiro, usando da trapaça e picardia fazem de um jogo individual e sem parcerias, uma luta coletiva. A solidariedade entre as personagens (pois Malagueta e Perus se protegiam mutuamente), permite que estes consigam driblar as regras e vencer o jogo, fazendo um trabalho de equipe, apesar da desconfiança dos adversários:

Por que Malagueta não derrubara aquela bola quatro? Uma repetição maliciosa numa bola quatro em diagonal no canto, acordou o inspetor Lima (...).

Ali tinha coisa. A bola era fácil, fácil. Malagueta não liquidara. Por que raios o velho Malagueta só amarrava o jogo, defendendo e defendendo aquela bola quatro? Lima não era um velho coiô. A quem pertencia a bola? Havia coisa (ANTÔNIO: 1963, p. 117 e 118).

A união entre os malandros brasileiros, neste momento da narrativa, os aproxima das personagens angolanas de “Estória do Ladrão e do Papagaio”. Estas, confraternizam-se no instante em que, na cadeia, Dosreis (detido pelo roubo dos patos) oferece a Kam’tuta, (preso pelo furto do papagaio Jacó) parte da sua refeição e o jovem infrator aceita. Ocorre, nesta ocasião, um flagrante da comunhão entre os dois integrantes da quadrilha, anteriormente, exposta.

“Estória da Galinha e do Ovo”, a terceira e última narrativa de *Luuanda*, levanta como aspecto coincidente à obra *Malagueta, Perus e Bacanaço*, a astúcia de suas personagens. De modo geral, ao transitarmos por toda a narrativa brasileira, nos deparamos com figuras que buscam incessantemente suprir suas carências através de pequenos golpes. O malandro Vitorino, de “Meninão do Caixote”, por exemplo, tenta por meio de um discurso persuasivo, convencer o narrador-protagonista a continuar jogando sinuca, para lhe trazer grandes lucros com as jogadas. Lucros estes divididos de maneira desigual, pois a vantagem é do mestre da sinuca Vitorino, no momento da partilha do dinheiro:

Ô divisão cheia de sócios, de nomes, de mãos a pegarem no meu dinheiro! Por exemplo: ganhava um conto de réis. Dividia com Vitorino, só me sobravam quinhentos. Pagava tempo e despesas, já eram só quatrocentos. Dava estia ao adversário: lá se iam mais dez por cento – só me sobravam trezentos. Dez por cento sobre um conto. Dava mais alguma estia...Ganhava um conto de réis, ficava só com duzentos.

Estava era sustentando uma cambada, sustentando Vitorino, seus camaradas, suas minas, seus... (ANTÔNIO: 1963, p.91).

Discurso semelhante ao de Vitorino, encontramos em algumas personagens da narrativa de Luandino Vieira, convidadas a decidir quem é a merecedora do ovo da galinha Cabíri, se nga Zefa, a proprietária da mesma, ou nga Bina, a grávida desejosa por chupar o ovo botado em seu quintal. Vale dizer que todos os convocados a opinar pela posse do ovo encontram-se

maliciosamente interessados no término da discussão entre as mulheres, atraídos pela possibilidade de obterem alguma vantagem sobre as mesmas.

Dentre os escolhidos para pôr fim à inusitada discórdia, merece registro a figura de Sô Lemos que, “com sua experiência de macas, ia talvez resolver o assunto” (p.116). Um antigo “ajudante de notário” que interessado, na realidade, no dinheiro que poderia conseguir através de sua trapaça, emprega um palavreado formal, próprio de pessoas instruídas. Um discurso persuasivo, análogo ao do malandro Vitorino, mas, neste caso, ineficaz para o pleno convencimento das personagens:

\_\_Pelo vistos, e ouvida a relatora e as partes, trata-se de litígio de propriedade com bases consuetudinárias...

\_\_A senhora, dona Bina, vamos pôr queixa contra sua vizinha, por intromissão na propriedade alheia com alienação de partes da mesma...isto é: o milho!

\_\_Quanto à senhora, dona Zefa, requerimentaremos sua vizinha por tentativa de furto e usufruto do furto!... *Preciso cinco escudos cada uma para papel!* (grifos nossos).

Derrotado pelo riso, vendo que não ia conseguir esse dinheiro para beber com os amigos (...), tentou a última parte:

\_\_Oçam ainda! Eu levo o ovo, levo-lhe no juiz meu amigo e ele fala a sentença.... (VIEIRA: 1961, p.117).

Ao final da narrativa, Beto (um dos filhos de nga Zefa) diante do inconcluso caso e da possibilidade dos guardas levarem a galinha como uma posterior refeição, utiliza a astúcia, um recurso comumente empregado pelos malandros quando percebem a proximidade de um perigo, de algo que os prejudique:

E Beto, parecia um gato, passou o corpo magro no buraco das aduelas desaparecendo, nas corridas, por detrás da quitanda. Xico esticou as orelhas com atenção esperando mesmo esse sinal que ia salvar a Cabíri (...). Maior que todos os barulhos, do lado de lá da quitanda de sô Zé, vinha, novo, bonito e confiante, o cantar dum galo, desafiando a Cabíri...(....).

Nga Zefa sentia o peito leve e vazio, um calor bom (...): no meio do cantar do galo, ela sabia estava sair do quintal dela, conheceu muito bem a voz do filho, esse *malandro* miúdo que imitava as falas de todos os bichos, *enganando-lhes* (VIEIRA:1961, p. 121 e 122). (grifos nossos)



A partir da breve leitura comparativa entre as obras do escritor João Antônio e do angolano Luandino Vieira, percebemos que, malandramente, suas personagens sobrevivem em sistemas sociais excludentes. A malícia, a astúcia e a mentira passam a ser atitudes emblemáticas a esses seres desprovidos de qualquer assistência por parte dos governantes e demais autoridades, apesar de possuidores de algumas características fundamentais, como as mencionadas por Roberto DaMatta<sup>3</sup>, quando em seu arguto estudo, refere-se a Pedro Malasartes como paradigma do malandro brasileiro.

Segundo o teórico, as personagens do submundo - destacamos aqui as de *Luuanda* e de *Malagueta, Perus e Bacanaço* - são apontadas pela *individualidade exacerbada*, o que lhes permite a mutabilidade. Vale ressaltar, entretanto, algumas exceções para esta regra em determinados momentos das narrativas: os malandros do escritor paulista, unidos, vencem o jogo da vida; como também, na narrativa angolana, os vadios se harmonizam na cadeia após a oferta de Dosreis a Kam'tuta.

No parecer de DaMatta, os malandros são, igualmente, marcados pelo *caráter contraditório*, já que se encontram entre a posição de revolta ao sistema e a opção revolucionária, caracterizada por um encaixe num sistema de regras e; sobretudo, pela *liminaridade*, o sobreviver nas rebarbas do sistema social, ou melhor, divididos entre o politicamente correto e condenável pela sociedade capitalista.

### **Referências Bibliográficas:**

ANTÔNIO, João. *Malagueta, Perus e Bacanaço & Malhação do Judas Carioca*. São Paulo: Clube do Livro, 1987.

---

<sup>3</sup> DAMATTA, R. *Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro*. 6ª ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DAMATTA, Roberto. *Carnavais, Malandros e Heróis*: para uma sociologia do dilema brasileiro. 6ª ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

GOTO, Roberto. *Malandragem Revisitada*. Campinas: Pontes, 1988.

MATOS, Cláudia. *Acertei no milhar*: malandragem e samba no tempo de Getúlio. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

MOURÃO, Fernando Augusto Albuquerque. *A Sociedade Angolana através da Literatura*. São Paulo: Ática, 1978.

VIEIRA, José Luandino. *Luuanda*. São Paulo: Ática, 1982.